

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**AS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS SOBRE MANOEL
LUÍS OSORIO NA HISTORIOGRAFIA MILITAR NO
CONTEXTO DO ESTADO NOVO**

Artigo Monográfico de Especialização

Priscila Roatt de Oliveira

**Santa Maria-RS, Brasil
2014**

**AS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS SOBRE MANOEL LUÍS
OSORIO NA HISTORIOGRAFIA MILITAR NO CONTEXTO
DO ESTADO NOVO**

Priscila Roatt de Oliveira

Artigo apresentando ao Curso de Especialização do Programa de Pós-Graduação em História, Área de concentração em História do Brasil, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em História**

Orientador: Prof. Dr. André Átila Fertig

**Santa Maria, RS, Brasil
2014**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação em História**

A Comissão Examinadora, abaixo, aprova o artigo monográfico de
especialização

**AS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS SOBRE MANOEL LUÍS OSORIO
NA HISTORIOGRAFIA MILITAR NO CONTEXTO
DO ESTADO NOVO**

Elaborada por
Priscila Roatt de Oliveira

Como requisito para obtenção do grau de
Especialista em História

Comissão Examinadora:

André Átila Fertig, Dr. (UFSM)
(Presidente/ Orientador)

Glaúcia Vieira Ramos Konrad, Dra. (UFSM)

Vitor Otávio Biasoli, Dr. (UFSM)

Carlos Henrique Armani, Dr. (UFSM)

Santa Maria, 26 de novembro de 2014.

RESUMO

ARTIGO MONOGRÁFICO DE ESPECIALIZAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

AS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS SOBRE MANOEL LUÍS OSORIO NA HISTORIOGRAFIA MILITAR NO CONTEXTO DO ESTADO NOVO

Autora: Priscila Roatt de Oliveira

Orientador: André Átila Fertig

Data e local da Defesa: Santa Maria, 26 de novembro de 2014.

Em 1937, com fundação da linha editorial da Biblioteca do Exército, essa corporação assumiu a função de produzir e divulgar a sua versão dos acontecimentos históricos. O trabalho analisa as narrativas biográficas sobre Manoel Luís Osorio, produzidas durante o Estado Novo, através de três livros, “Osório” de Onofre Gomes Muniz (1938), “Osório na Infância, na Adolescência, na Imortalidade” de Valentim Benício Silva (1939), “Tuiuti é Osorio, Osorio é Tuiuti” de José Feliciano Lobo Vianna. O artigo procurou enfatizar as conceituações do personagem histórico como herói, soldado modelo e combatente da Guerra do Paraguai. Tais narrativas biográficas estavam vinculadas a uma historiografia militar que visou forjar uma história das Forças Armadas como protetora do Brasil, juntamente com o ideal de bom soldado que foi associado à legalidade e o afastamento da política.

Palavras-Chaves: Estado Novo. Exército. Historiografia. Manoel Luís Osorio

ABSTRACT

ARTICLE MONOGRAPH SPECIALIZATION
GRADUATE PROGRAM IN HISTORY
FEDERAL UNIVERSITY OF SANTA MARIA

BIOGRAPHICAL NARRATIVES OF MANOEL LUÍS OSORIO IN THE MILITARY HISTORIOGRAPHY OF THE NEW STATE

AUTHOR: PRISCILLA ROATT DE OLIVEIRA
ADVISOR: ANDRÉ ÁTILA FERTIG

Date and place of Presentation: Santa Maria, November 26, 2014

In 1937, with the founding of the publishing house of the Army's Library, the military corporation assumed the role of reproducing and spreading their versions of historical events. This paper aimed at studying the representation of Manoel Luis Osorio in the military historiography of the New State through three books, *Osório* by Onofre Gomes Muniz (1938), *Osório na Infância, na Adolescência, na Imortalidade* by Valentim Benício da Silva (1939) and *Tuiuti é Osorio, Osorio e Tuiuti* by José Feliciano Lobo Vianna (1940), emphasizing the representations of this historical character as a hero, model soldier and military of the Paraguayan War. I have tried to demonstrate that sought to forge a history of the military forces as protector of Brazil, together with an ideal of the good soldier who was associated with the legality and moved away from politics.

Key words: New State. Army. Historiography. Manoel Luis Osorio

SUMÁRIO

1-AS NARRATIVAS BIOGRAFICAS DE MANOEL LUIS OSORIO NA HISTORIOGRAFIA MILITAR NO CONTEXTO DO ESTADO NOVO .	07
1.1-Introdução	07
1.2 As Rememorações de Manoel Luís Osorio na Primeira República	09
1.3- As Narrativas Biográficas de Manoel Luís Osorio pelos Militares do Estado Novo.....	13
1.3.1- A Construção do Herói e o Bom Soldado	13
1.3.2- Guerra do Paraguai.....	23
1.4 Considerações Finais	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

1-AS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS SOBRE MANOEL LUÍS OSORIO NA HISTORIOGRAFIA MILITAR NO CONTEXTO DO ESTADO NOVO

Introdução

O presente trabalho tem como finalidade analisar três biografias produzidas por militares, durante o Estado Novo, através da linha editorial da Biblioteca Militar, sobre o herói da Guerra do Paraguai, Manoel Luís Osorio. As obras “Osorio” de Onofre Gomez Muniz (1938), “Osório na Infância, na Adolescência e na Imortalidade” (1939) de Valentim Benício da Silva e “Osorio é Tuiuti, Tuiuti é Osorio” de Feliciano José Lobo Vianna (1940) foram as principais fontes analisadas. Dentro das narrativas biográficas buscamos analisar como tais historiadores militares retrataram Manoel Luís Osorio, quais foram os principais elementos, características e passagens da vida do personagem biografado que foram valorizadas. Em linhas gerais, o artigo busca compreender o sentido da rememoração de Manoel Luís Osorio e a ligação dessas biografias com os discursos do Exército no Estado Novo.

Em 1936, no interior do Exército foi fundado o Instituto de História e Geografia Militar do Brasil. No ano seguinte, o militar Valentim Benício da Silva fundou a linha editorial da Biblioteca Militar. O instituto possuía a função de estudar os aspectos militares da história militar do Brasil e a editora tinha a finalidade de divulgar obras de interesses militares, através de três coleções principais: “Os Nossos Soldados”, “Obras Patrióticas” e “Obras de educação”. Alguns membros do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, teriam suas obras publicadas pela editora do Exército, como Tasso Fragoso, Valentim Benício da Silva, Francisco Paula Cidade, etc. Os autores dos livros publicados pela linha editorial da Biblioteca Militar eram membros da alta cúpula militar, possuindo afinidades com as lideranças militares do período, os principais articuladores do golpe do Estado Novo. O próprio Valentim Benício da Silva foi chefe do gabinete ministerial de Eurico Dutra em 1937 e recebeu apoio desse ministro para fundar no mesmo ano a linha editorial da Biblioteca Militar.

Semelhante a Valentim Benício da Silva, Onofre Gomes Muniz ocupou um emprego na secretária do Ministério da Guerra, em 1938. Dos três autores, José Feliciano Lobo Vianna foi o mais envolvido na construção de uma memória de Manoel Luís Osorio. Durante o cargo que exerceu como professor de História, nas escolas militares de Realengo e da Praia

Vermelha, Vianna realizou diversas ações visando o não esquecimento da história da Guerra do Paraguai e de seus combatentes. Uma das realizações foi a Fundação Osório, que visava amparo das famílias dos órfãos dos militares mortos. A primeira tentativa de constituição acabou falhando em 1907 e somente em 1924 a instituição passou a ser um orfanato e um educandário. O Exército escolheu o dia da comemoração da batalha do Tuiuti, combate considerado o mais importante da Guerra do Paraguai, para inauguração do prédio da instituição, em 1926. Na comemoração inaugural da Fundação, os familiares de Manoel Luís Osorio, autoridades civis e militares, incluindo o Presidente da República, estavam presentes¹

Nesse período, Osorio como herói era o personagem com mais influência dentro das Forças Armadas. As comemorações da Guerra do Paraguai aconteciam na data da Batalha do Tuiuti, sendo esse militar homenageado durante os festejos. Na década de 1920, dentro do Exército, Osorio como militar de maior prestígio foi sendo substituído pelo Duque de Caxias. A partir desse momento, Osorio permaneceu cultuado pelas classes armadas, em segundo plano, secundariamente depois de Caxias. Através da linha editorial da Biblioteca Militar, Manoel Luís Osorio foi um dos personagens mais biografados, isso demonstra a importância desse personagem histórico no interior do Exército.

Segundo Michel de Certeau, a pesquisa histórica está vinculada a um lugar de produção, que pode ser social, político e cultural, uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados. Para Certeau, o lugar de produção determina os métodos e os documentos que serão utilizados na escrita historiográfica. Uma vez que os biógrafos de Manoel Luís Osorio estavam vinculados ao Exército e à Biblioteca Militar, a pesquisa pretende analisar como essas duas instituições militares influenciaram a escrita biográfica sobre Manoel Luís Osorio no Estado Novo. Primeiramente através da comparação das obras dos autores com outras obras históricas da editora do Exército, em

¹ Lobo Vianna era bacharel em Ciências Físicas e Exatas, em 1920 alcançou o posto de Brigadeiro do Exército, sendo transferido para reserva. Onofre Gomes Muniz possuía o posto de Tenente-Coronel no interior do Exército, esse militar ocupou cargos importantes como adido militar na embaixada do Brasil no México (1942-1944) e nos Estados Unidos (1945-1946). Valentim Benício da Silva era coronel no Estado Novo, exerceu a colocação de adido na França entre 1921 a 1922, no ano seguinte exerceu o cargo na Argentina. Nesse país, Silva observou a organização da Biblioteca Oficial do Exército argentino, que era mais voltada para uma literatura técnica da profissão militar. Diferente dos argentinos, ele procurou criar algo mais amplo através de dois setores. O primeiro constituído de uma sala de leitura, e o segundo por meio de uma editora, com uma preocupação de publicar trabalhos de aspectos históricos das instituições das castrenses.

segundo momento será analisada a relação dessa historiografia com discursos produzidos pelos militares no período (relatórios do Ministério da Guerra) ².

Para Manoel Salgado Guimarães, cada geração de historiadores repensou as regras do seu ofício e reinventou a operação historiográfica dentro de um cenário de tensões e conflitos, a partir das disputas de diferentes grupos pela ressignificação do passado a partir do próprio presente. Esse historiador afirmou que quando escolhemos determinados autores buscamos investigar um sistema de escrita e seu lugar dentro da cultura de determinadas sociedades. Valentim Benício da Silva, Lobo Vianna e Onofre Gomes Muniz repensaram a trajetória de Manoel Luís Osorio e Antonio João Ribeiro conforme os valores do seu presente (GUIMARÃES, 2003, p. 09).

Esse trabalho tem intenção de estudar o sentido das lembranças e ressignificação desse herói nesse contexto histórico. Para alcançar tal objetivo, analiso as conceituações de Manoel Luis Osorio, nas biografias publicadas pela linha editorial da Biblioteca Militar no Estado Novo. Na primeira parte do artigo analiso as transformações na lembrança e as utilizações simbólicas de Manoel Luis Osorio como herói da Primeira República até o Estado Novo. No segundo item, discorro sobre as representações de Manoel Luís Osorio na historiografia militar da linha editorial da Biblioteca Militar.

1.1- A Lembrança de Manoel Luís Osorio na República

Manoel Luís Osorio nasceu em 1808, na vila de Nossa Senhora do Rosário na Província do Continente de São Pedro do Rio Grande do Sul. Membro de uma família de estancieiros de ascendência açoriana, aos quinze anos foi introduzido na carreira militar pelo seu pai, que tinha um posto na Guarda Nacional. Diferente dos outros militares renomados do Império, Osorio não possuía uma formação acadêmica. Segundo Adriana de Souza, sua carreira somente ascendeu quando encontrou Luís Alves Lima e Silva, o futuro Duque de Caxias, durante a Revolta Farroupilha, em que os dois lutaram juntos contra os rebeldes farrapos. Com ajuda desse padrinho poderoso, Osorio cresceu profissionalmente atuando em diversos conflitos na fronteira da região platina (SOUZA, 2003, passim 73-94).

²Conforme Certeau (1982, p. 65): Antes de saber o que uma historiografia afirma de uma sociedade, devemos saber como funciona dentro dela. As instituições nesse caso têm papéis centrais, pois através delas as diferentes formas de historiografias são produzidas (possibilidades e limites).

Militarmente, o auge da carreira de Osorio foi a atuação na Guerra do Paraguai, quando exerceu o Cargo de Comandante chefe do Exército. Ao término desse conflito, Manoel Luís Osorio foi elevado ao patamar de herói nacional. Segundo Francisco Doratioto, por muitos anos os veteranos da guerra do Paraguai no dia 11 de dezembro (data da batalha que Osorio foi gravemente ferido no maxilar) levavam flores perante sua estátua no Rio de Janeiro (DORATIOTO, 2008, p. 185-186). Cultuado dentro do Exército, como um dos principais heróis dessa instituição, sua trajetória como militar foi biografada por diversos autores. A mais famosa dessas biografias foi escrita pelo seu filho, Fernando Luís Osorio e, posteriormente, terminada pelo seu neto, Joaquim Luís Osorio, entre os anos de 1894 a 1915. Através do livro, esses dois autores buscaram valorizar o indivíduo Osorio como personagem fundamental para a história do Brasil. Assim suas ações foram estimadas, principalmente, nas esferas política e militar³.

Em outro artigo, Adriana Souza demonstrou a utilização das imagens de Manoel Luís Osorio e de Luís Alves de Lima e Silva na Primeira República como uma estratégia de legitimação dos projetos republicanos. Segundo Souza, essa recuperação da memória desses dois militares ocorreu através de comemorações cívicas e de inauguração de monumentos. Assim, essa historiadora diferenciou a utilização de cada um desses heróis pelos republicanos. Enquanto Osorio serviu como símbolo de soldado aclamado pelo povo, símbolo da união dos militares e dos civis, o Duque de Caxias representou um militar aristocrata partidário da ordem e da legalidade (Souza, 2001, Op. Cit. p.231-251)

Em 1894, no governo de Floriano Peixoto foi inaugurado um mausoléu em homenagem ao Manoel Luís Osorio no Rio Janeiro. Como demonstrou Rodrigo Perez de Oliveira, a implantação desse monumento foi simbólica, pois tinha a finalidade de representar Osorio como predecessor das virtudes militares de Floriano Peixoto:

O alto oficialato da corporação, representado na época pelo próprio presidente, não desejava mostrar o Exército como uma instituição a serviço do Estado, como um braço armado do governo federal, mas defini-lo como a única instituição moralmente capaz de governar a República. [...] A ritualização de publica que originou a monumentalização de Osório determinou a aproximação das biografias de Osorio e Peixoto. O Primeiro foi identificado teologicamente, como predecessor do segundo em termos de virtudes políticas, cívicas e militares (OLIVEIRA, p. 23-50, 2010)

Para Rodrigo Perez Oliveira, essa tentativa de identificação de Osorio com Floriano Peixoto foi realizada no final do governo desse marechal, pois nesse momento havia

³ Ver OSORIO, Joaquim Luis, OSORIO, Fernando Luis. *Historia do General Osório* (2008).

relutância da alta cúpula dos militares que governava o Brasil em repassar esse cargo para os políticos oriundos da oligarquia paulista. Os militares possuíam desconfiança em relação às instituições civis e buscaram através de um monumento para Osório demonstrar para população brasileira que o Exército fora o grande defensor da pátria.

Celso Castro (2002) analisou a ascensão da figura de Luís Alves Lima e Silva, Duque de Caxias, como o grande símbolo e patrono do Exército. Segundo esse pesquisador, no império e no início da República, Manoel Luís Osório era o militar mais cultuado dentro da instituição castrense. Na década de 1920, gradativamente Osório foi sendo substituído pelo Luís Alves Lima e Silva como o grande patrono dessa instituição. Essa substituição ocorreu em um período de fragmentação das Forças Armadas, de motins interno e de levantes tenentistas. Nesse contexto, a alta cúpula militar representou o Duque de Caxias como um soldado modelo, que defendeu a ordem e a unidade brasileira combatendo as revoltas regionais no Império. Manoel Luís Osório continuou sendo um dos militares mais cultuados do Exército, em segundo plano, perdendo espaço para o Duque de Caxias, instituído patrono da corporação militar.

Outros escritores, principalmente militares e admiradores da instituição castrense, retrataram de forma heróica a vida de Osório. Na década de 1930, o escritor de diversos livros sobre as forças armadas, Gustavo Barroso publicou a biografia, sobre Manoel Luís Osório, intitulada “o Centauro dos Pampas”. Nesse relato biográfico, Barroso procurou descrever Osório como um herói que estava predestinado a ser um grande unificador nacional. Conforme Erika Moraes Cerqueira (2010, p. 22), Barroso, através dessas biografias dos heróis das Forças Armadas, vinculou a história militar à história nacional.

No Estado Novo, com a fundação da linha editorial da Biblioteca Militar, diversas biografias sobre os heróis das forças armadas foram escritas e publicadas. Essa historiografia sobre o Exército servia para valorizar a importância dessa corporação militar para formação territorial brasileira. Os livros da Editora do Exército tinham uma finalidade educativa, dentre os assuntos tratados nesses livros tem-se: ortografia, artilharia, manual de serviço de campanha, educação física militar, geografia, entre outros. Com o mesmo propósito educativo, as biografias possuíam a função de valorizar a história do Exército como importante para formação do Brasil, e de exemplificar através dos heróis, modelos de condutas para os soldados.

Em 1937, no interior do Exército foi fundada uma editora que buscou divulgar uma historiografia produzida por simpatizantes ou militares. As obras publicadas pela editora estavam vinculadas às concepções de um grupo de militares que ascenderam ao poder durante

a era Vargas. A Biblioteca Militar primeiramente foi instalada dentro do edifício do Ministério da Guerra no Rio de Janeiro, (DUTRA, 1937 Apud 1938, p.03) a impressão das obras era realizada pela Imprensa do Estado- Maior do Exército (VARGAS, 1937 Apud 1938, p. 02).

Desde sua fundação, a linha editorial da Biblioteca do Exército possuía estreitas ligações com o Ministério da Guerra e o Estado-Maior do Exército brasileiro, instituições que, durante o período do Estado Novo, foram lideradas pelos militares Eurico Dutra e Pedro Goés Monteiro. Antes da editora do castrense, existia uma vasta produção historiográfica de militares sobre o Exército, mas foi através dessa linha editorial que a própria instituição castrense buscou produzir e divulgar uma historiografia institucional.

O reorganizador da linha editorial da Biblioteca Militar, Valentim Benício da Silva ocupou a secretária administrativa da Junta Governativa, que derrubou o presidente Washington Luís, em 1930. Entre os anos 1936 e 1937, foi secretário do Gabinete do então Ministro da Guerra, Eurico Dutra, nesse cargo, ele recebeu apoio do Ministério, para reorganizar e fundar a linha editorial da Biblioteca Militar.

Entre os anos de 1938 e 1941, Manoel Luís Osório foi biografado três vezes por autores da Biblioteca Militar: “Osório na Infância, na Adolescência, na família, na Imortalidade” (1939), de Valentim Benício da Silva “Osório” (1938), de Onofre Muniz Gomes, e “Tuiuti é Osório, Osório é Tuiuti” (1940), de Lobo Viana. Semelhante às narrativas biográficas de Fernando Osorio e de Gustavo Barroso, os três militares buscaram representar Manoel Luís Osorio como um herói que realizou um grande tributo para história brasileira – principalmente como liderança militar no Continente de São Pedro do Rio Grande do Sul e na Guerra do Paraguai. Os livros “Osório” (1938), de Onofre Muniz Gomes, e “Osório na Infância, na Adolescência, na Imortalidade” (1939), de Valentim Benicio da Silva são biografias semelhantes, ambas retrataram a vida desse personagem de forma linear, desde o seu nascimento até sua morte. Em contrapartida a essas, a biografia de Lobo Viana discorreu sobre um evento específico da Guerra do Paraguai, a batalha do Tuiuti, na narrativa o autor valorizou os episódios militares e os grandes heróis desse conflito, dentre os heróis, obteve destaque, principalmente, a figura de Manoel Luís Osorio.

Essas narrativas biográficas construíram uma memória e uma representação de Manoel Luís Osorio. Para Fernando Catroga (2001, p. 48-49), a recordação tende criar uma narrativa coerente, que subtrai o aleatório e o passado considerado nocivo, esquecendo das partes ruins que ignorou. Dessa forma, na construção da memória de Manoel Luís Osorio certos episódios

foram silenciados, como suas imprudências como militar nos campos de batalha, sua imagem foi representada para posteridade como grandiosa, sem erros.

Os três autores, objetos deste artigo, Onofre Muniz, Valentim Benício da Silva, Lobo Viana criaram uma narrativa sobre Manoel Luís Osorio. Nesse sentido busco discorrer sobre as conceituações construídas sobre Manoel Luís Osorio nas narrativas biográficas publicadas pela editora do Exército, ressaltando, principalmente, a construção desse indivíduo como herói da Guerra do Paraguai e militar modelo.

1.2- As narrativas biográficas de Manoel Luís Osorio pelos militares do Estado Novo

1.3.1- A Construção do Herói e o Bom Soldado

As narrativas biográficas de Manoel Luís Osorio buscaram na infância do biografado características de sua predestinação ao heroísmo. Para os biógrafos desse personagem histórico, ele nasceu com uma personalidade que o diferenciava dos demais homens comuns, possuindo uma predisposição para o sucesso na carreira militar. Segundo Valentim Benício da Silva, Osorio quando menino era corajoso, robusto e tinha talento com armas, características inatas para atuação nas forças armadas. Onofre Muniz Gomes de Lima (1938) afirmou no seu livro que Osorio na infância organizava batalhões de soldados com os garotos da sua idade:

Tais predicados- que só se conseguem adquirir com alta dextreza quando cultivados seguramente na primeira infância – influíram decisivamente no êxito de sua carreira brilhante e heróica, porque lhe asseguraram a vida nas refregas mortíferas de seus intreveros, de Cadete a Capitão (LIMA, 1938, p. 08, grifo do autor)

Na citação acima, percebemos que Lima justifica a carreira heroica pela sua trajetória na infância. Tanto Silva, quanto Lima representaram Manoel Luís Osorio como menino precocemente talentoso, algumas de suas características como coragem, virilidade, força e liderança foram exaltadas para demonstrar que o heroísmo do personagem provém de sua infância. Esses dois biógrafos valorizaram as características que denominaram de gaúchas desse personagem. Para Onofre Gomes Muniz de Lima, Osorio era bom cavalheiro, laçava e boleava com maestria (LIMA, Op. Cit. p. 06). Para Valentim Benício da Silva, como esse sujeito nasceu no campo era um ousado gaúcho, galopava, utilizou armas como laço e boleadeiras (SILVA1938, p. 06). A citação dessas supostas habilidades gaúchas nessas biografias estava associada à ascensão de Getúlio Vargas ao poder, com esse político ocorreu

uma valorização das supostas características dos habitantes do Rio Grande do Sul, associada à coragem, à virilidade e ao heroísmo.

Esses dois biógrafos colocaram que essas peculiaridades gaúchas adquiridas através da vida na campanha foram fundamentais para sua formação e seu sucesso como militar. A personalidade corajosa do soldado que não desistiu de lutar, do líder que orientou seus companheiros em conflitos é constantemente mencionada ao longo dessas duas narrativas biográficas. Manoel Luís Osorio foi representado como militar que sempre se destacou em combate, e que, por conseguinte, obteve inclusive reconhecimento de personalidades como Bento Gonçalves, Duque de Caxias, Bartolomeu Mitre, etc.

Nesses livros históricos e biográficos da editora do Exército, os heróis são os sujeitos singulares, que pelos seus atributos ou qualidades diferenciaram-se dos indivíduos anônimos da História. Para Loriga (1998, p. 233), essa perspectiva biográfica, valorizou a ação criadora dos grandes homens, em detrimento dos outros sujeitos comuns que receberam um tratamento coletivo nesse tipo de historiografia.

Da mesma forma, Feliciano Lobo Viana (1940) construiu uma narrativa semelhante sobre os grandes nomes da batalha do Tuiuti – os homens incomuns que, nas palavras do autor, estão entre os “heróis da vasta catedral da pátria”. Os outros sujeitos comuns da Guerra do Paraguai serviram de forma numérica, de modo que foram quantificados através do efetivo da tropa ou numericamente pelas mortes ocasionadas pelos combates. Esses homens foram condenados nessas narrativas ao anonimato, diferente dos grandes militares, que por seus atos mereceram ter suas vidas imortalizadas através da escrita (VIANA, Lobo. 1940.p.55).

A trajetória de Manoel Luís Osorio foi concebida através da linearidade cronológica, como em um caminho unidirecional, com começo, meio e fim. Para Pierre Bourdieu (2006, p. 183-186) nesse tipo de narrativa biográfica, a vida aparece como um conjunto coerente, com intenções objetivas de um projeto. Para os historiadores militares, Manoel Luís Osorio apresentava características que mostravam seu destino glorioso e heróico como militar desde a infância:

Eis meninas da Fundação Osório, de onde veio, o que foi, o que legou à sociedade o vosso glorioso patrono: esperanças na meninice; vigôr, beleza, arrojo, bravura, amor, cavalheirismo e nobreza na mocidade, glórias e glórias na idade madura e na velhice; trabalho honradez, abnegação em toda vida; e no túmulo...exemplo aos seus descendentes, exemplo à Pátria que o idolatra com o mesmo amor que êle conduziu às batalhas (SILVA, Op. Cit. p. 28.)

Como mencionei anteriormente, essa historiografia concebeu os grandes homens, como sujeitos históricos, as pessoas singulares como heróis, privilegiando líderes políticos e religiosos, os quais por suas ações individuais foram responsáveis pelas mudanças na

História. Os indivíduos comuns, sem qualidades extraordinárias e cargos relevantes, possuíam um papel secundário nessa narrativa histórica. Os historiadores militares de Manoel Luís Osorio visavam demonstrar como esse personagem modificou a história através de seus atos, de suas atitudes de lideranças e de suas decisões no campo de batalha. Eles reforçaram que por essas características extraordinárias Osorio virou patrono e modelo do Exército. Nas palavras de Valentim Benício da Silva ao morrer foi para “alto, para a imortalidade” (SILVA, op. cit., p.128)

Segundo José Murilo de Carvalho (1990, p.55), os heróis são símbolos, representativos de idéias, de pontos de referências e servem para identificação coletiva, por isso, são utilizados como instrumentos por regimes políticos para convencer os cidadãos de sua legitimidade. No governo autoritário de Getúlio Vargas, o Estado assumiria a função de construir uma identidade brasileira, os intelectuais do regime buscavam as raízes da brasilidade na cultura popular, através da consagração da tradição, dos símbolos, dos heróis e da música. Para tanto, o Estado utilizou-se desses elementos culturais para doutrinação da população através da educação e de programas radiofônicos.

Da mesma forma, o Exército buscou construir uma identidade da corporação associada à função do soldado na sociedade, que seria a defesa do país e da ordem. Essa difusão ideológica procurou afastar de dentro da instituição castrense, ideologias consideradas perigosas, como o comunismo, reforçando o ideal de legalidade. Os grandes nomes militares como Luís Alves Lima e Silva e Manoel Luís Osorio serviram como exemplo de militares que não traíram a pátria por questões partidárias. Os livros de Onofre Muniz e Valentim da Silva ressaltaram na trajetória de Manoel Luís Osorio sua fidelidade ao império e sua conduta legalista como militar. Em diversas passagens dessas obras, os autores enfatizaram a escolha desse personagem biografado, uma vez que esse se manteve leal ao Exército, mesmo quando essa corporação não defendia suas posições políticas e partidárias:

Desse ano de 1835 em diante, quando constituiu seu lar, a vida de Osório quase não pertence à esposa. Os primeiros 10 anos são os da campanha Farroupilha, campanha que o prende à defesa da integridade do Império, fiel ao juramento militar, não obstante de ser republicano de coração (SILVA, Op. Cit., p. 13)

Nesse trecho da biografia de Valentim Benício sobre a Revolta Farroupilha, o autor representou Manoel Luís Osorio como o militar comprometido com os interesses da instituição castrense e do Império, mesmo sendo um republicano. Nas páginas seguintes de tal fragmento dessa narrativa biográfica, Valentim Benício da Silva discorreu sobre as tentações que Osorio sofreu dos amigos revoltados para lutar contra o governo imperial e as injustiças

que esse indivíduo suportou das autoridades imperiais. De forma que isso corrobora para a representação de Manuel Luís Osorio como uma figura que se manteve leal e fiel ao Exército, independentemente, da sua posição política ou das adversidades. Silva (1939) sublinhou nessas passagens que, mesmo sofrendo com essas adversidades, Manoel Luís Osorio nunca traiu o Exército:

Osório, a despeito de tentações de amigos revoltados, mantinha-se fiel ao governo imperial. Mas as autoridades governistas não agiam com dignidade. Perseguições e injustiças vinham envoltas com erros que sucediam uns aos outros nas operações militares. Tudo isto confrangia o espírito retilíneo de Osório. A estes dissabores agregou-se o apelo desesperado de sua mãe velhinha, abandonada, às portas da miséria. Carácter menos sólidos, teriam abalado para fileiras opostas. Osório não; preferiu o caminho do dever. (SILVA, Op. Cit. 15)

A conceituação de Osorio como legalista foi associada aos sacrifícios da carreira militar, como, por exemplo, pobreza, afastamento da família, lesões adquiridas nas guerras, perseguições pelos opositores políticos e civis. As biografias de Valentim Benício da Silva e Onofre Muniz discorreram sobre o ferimento no maxilar adquirido por Manoel Luís Osorio durante a Guerra do Paraguai e sobre a impossibilidade financeira desse indivíduo realizar um tratamento médico mais adequado na Europa.

Os militares do período imperial não possuíam uma remuneração apropriada, mas para ambos os escritores essa situação econômica não impediu Osorio de defender os interesses considerados nacionais, mesmo em situações de dificuldades familiares e de problemas de saúde. Através da vida de Manoel Luís Osorio, esses autores idealizaram um modelo do bom soldado, que seria o indivíduo que, apesar de todas as dificuldades oriundas da carreira militar, nunca se rebelaria contra a corporação castrense.

As recorrentes passagens sobre o legalismo e os sacrifícios pessoais em prol da profissão, nos textos de Onofre Muniz e Valentim Benício da Silva, representam as características militares valorizadas durante o Estado Novo. Esses dois escritores atribuíram sentidos para o passado de Manoel Luís Osorio conforme os valores que vivenciaram no seu presente. Nos anos anteriores ao Estado Novo, o Exército estava fragmentado em diversas disputas de projetos políticos, como o comunismo, revoltas internas entre rebeldes e legalistas, oficiais e subalternos. Nesse contexto de divisão interna, Pedro Góis Monteiro, na década de 1930, comandou uma série de reformas visando reforçar a hierarquia interna e a unidade da corporação. Essas medidas reformistas foram efetuadas juntamente com o combate armado contra os militares insurgentes comunistas e de motins internos (CARVALHO, 1999, p. 60).

Segundo José Murilo de Carvalho (1999, p. 55-58), as relações entre Vargas e o Exército foram marcadas por diferentes fases. A primeira foi de aproximação, na qual os militares tornam-se agentes políticos e um dos pilares de sustentação do governo contra forças oligárquicas. A segunda foi de coincidência entre o projeto das Forças Armadas e do presidente, durante o período que corresponde o Estado Novo. Como afirmou Carvalho, no interior do Exército três correntes predominavam: dos jovens que estagiaram na Alemanha em 1906 e 1912 e dos alunos da Missão Francesa, dos radicais influenciados pelo Comunismo, que acreditavam nas Forças Armadas como uma vanguarda para transformação da sociedade e a terceira dos intervencionistas, que surgiu com o Positivismo e acentuou-se com os levantes tenentistas.

Das três correntes, a mais influente no Exército foi a das Missões Estrangeiras, seus membros tinham uma perspectiva reformista, buscavam a modernização e profissionalização das Forças Armadas. Durante a Primeira República até 1940, houve um grande intercâmbio militar entre o Brasil e a Alemanha e a França. As Forças Armadas eram dependentes de modelos externos para organizarem seus contingentes militares, nessa época, franceses e alemães disputavam a hegemonia do fornecimento de armas e de equipamentos para o Exército Brasileiro. Jovens oficiais brasileiros que estagiaram nos contingentes militares alemães, voltaram entusiasmados com o Exército e a indústria bélica Alemã. Visando defender a implantação do modelo alemão no Exército brasileiro, o grupo que foi intitulado Jovens Turcos lançou em 1913, a Revista A Defesa Nacional (NETO, 1980, passim 43-67)

Nesse mesmo momento, nas Forças Armadas brasileiras existia outro grupo, defensor do modelo militar francês, que começou a ter mais legitimidade após a derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, quando o Exército alemão foi temporariamente removido do cenário internacional. Em tal contexto, os agentes franceses intensificaram com aliados brasileiros influentes (políticos, militares, empresários), planos para contratação de uma Missão Estrangeira Francesa, para trabalhar com a formação de oficiais no Brasil. A pressão diplomática obteve resultado em 1919, quando o governo brasileiro autorizou a contratação da Primeira Missão Francesa. A Missão Francesa foi responsável por grandes mudanças nas estruturas do Exército brasileiro, como renovação de armamento e das instalações militares, da implantação de uma nova organização; com substituição das pequenas unidades pelos grandes destacamentos; da reforma do ensino com surgimento de cursos voltados para especialização; e da adoção de novas regras para promoções dos oficiais. Entretanto, a influência francesa dentro das Forças Armadas Brasileiras declinou em virtude do Ministro militar Pedro Góes Monteiro. Para ele, os oficiais brasileiros estariam aptos e não precisariam

dos ensinamentos das Missões Francesas. A decisão do Ministro representava a própria perspectiva nacionalista do Estado Novo, assim como o crescimento de novas influências dentro das Forças Armadas, com a aproximação do Brasil com os governos dos Estados Unidos e novamente da Alemanha. (NETO, op. cit., 45-67).

Posteriormente ao período revolucionário, os antigos membros da Revista “A Defesa Nacional”, encaminharam para o governo, um programa de transformações nacionais para transformação da realidade brasileira. O projeto visava à implantação de infra-estruturas modernas, condições básicas para “assegurar a defesa nacional”, segundo os antigos alunos das Missões Francesas e Jovens Turcos. Para Manuel Domingos Neto, o governo de Getúlio Vargas considerou as reivindicações dos modernizadores, e seus elementos representativos tornaram-se influentes dentro da organização política, assumindo cargos de interventores estaduais (NETO, op. cit., p. 69).

Segundo a revista “Defesa Nacional” de 1926, mídia que possuía fortes críticas a estrutura organizacional do Exército, baseadas nos preceitos do primeiro chefe da Missão Francesa, general Gamelin, era necessário assegurar o desenvolvimento econômico do país para fornecer indústrias capazes de fornecer material para as Forças Armadas e desenvolver redes de transportes rodoviários e ferroviários para o deslocamento das tropas (Apud, NETO, p. 67). Dentro das revistas militares (Nação Armada, Defesa Nacional) existia uma divisão entre o Exército antes e depois dos governos de Getúlio Vargas, os historiadores Frank MacCann (2009) e Edmundo Coelho (1979) apontaram que de fato ocorreu um aumento dos efetivos militares, uma modernização e uma instrumentalização do Exército brasileiro para fins políticos no Estado Novo.

A segunda corrente era composta pelos membros da Aliança Nacional Libertadora, que surgiu da liderança dos tenentes descontentes com revolução de 1930 que adotaram posturas de oposição ao imperialismo, às ditaduras de direita e esquerda, favoráveis à democracia. Para os tenentes do movimento, as lutas por reformas políticas começaram nas primeiras revoltas tenentistas da década de 1920, sendo somente depois a essas que o Partido Comunista Brasileiro participou do movimento. Os comunistas e os tenentes acreditavam que a revolução armada era única forma de luta contra o governo de Getúlio Vargas. Segundo Marly de Almeida Vianna (2003, p.85), Aliança Nacional Libertadora Aliança Nacional Libertadora (ANL) foi à maior organização de massas do Brasil, o governo ficou assustado com o número de adeptos e aprovou em 1935, a Lei de Segurança Nacional. Os militares foram os principais atores políticos na revoltas armadas de 1935, participando de levantes em quartéis em Natal, Recife e no Rio de Janeiro. Os soldados que aderiram aos motins não

sabiam os motivos da revolta, para alguns foi uma tentativa de implantação de um governo da Aliança Nacional Libertadora, para outros apenas uma rebelião contrária às lideranças militares. As insurreições não tiveram um caráter socialista, a plataforma do movimento era a luta contra exploração do Brasil pelo capitalismo internacional, pela reforma agrária, modernização do Exército e pela democracia. O movimento foi sufocado pelas facções castrenses favoráveis ao governo de Vargas, com uma forte repressão aos militares e aos integrantes do movimento (VIANNA, op. cit., 63-104). Segundo McCann (op. cit., p. 478), a alta cúpula militar temia o comunismo pelo medo de uma possível inversão da ordem socialmente existente⁴.

Por último, os membros da corrente intervencionista possuíam uma forte crítica ao liberalismo, para eles a democracia era uma farsa que perpetuava os interesses das oligarquias brasileiras. Tal visão antiliberal começou a ser gestada com os positivistas, e posteriormente com os tenentes rebeldes da década de 1920 e o Clube 03 de Outubro, que defenderam Getúlio Vargas na Revolta Constitucionalista de 1932. Na década de 1930, esse segmento teve como principal representante Pedro Góes Monteiro, defensor da intervenção militarista para implantação de um Estado autoritário no Brasil (CARVALHO, op. cit., p.62). Segundo Frank MacCann (2004, p.393), os revolucionários eram desejosos de um governo que promovesse a modernização, a industrialização e o desenvolvimento econômico, porém com poucas transformações nas estruturas sociais. A concordância de objetivos reformistas, entre os oficiais permitiu a união de várias facções na década 1930, que aspiravam à modernização e à profissionalização do Exército brasileiro.

O processo de centralização política iniciou na década de 1930, através de um projeto autoritário que usou a violência estatal da Polícia e das Forças Armadas, para manter a ordem vigente. Com os governos de Getúlio Vargas, cresceu a perspectiva que somente um projeto de centralização política poderia controlar as constantes revoltas regionais e a influência comunista no Brasil. Na década de 1930, o governo enfrentou resistências armadas, a Revolta Constitucionalista de 1932, as Insurreições Comunistas de 1935 e com ajuda de facções do Exército conseguiu sair vitorioso de todas essas e implantar uma ditadura em 1937. Dessa

⁴ Os participantes das revoltas tenentistas se dividiram em dois grupos: apoiadores e descontentes com a Revolução de 1930. Os apoiadores fundaram o Clube 03 de Outubro, sob liderança de Pedro Góes Monteiro, com filiais em todo o Brasil, destinadas a discussão da doutrina revolucionária. Alguns desses tenentes foram nomeados interventores estaduais por Getúlio Vargas, mas depois de 1932, tal grupo foi perdendo força no interior do Exército. Os descontentes organizaram Aliança Nacional Libertadora, em 1935, eles lideraram uma revolta armada contrária ao governo de Getúlio Vargas. Ver Frank McCann (2009) e Anita Prestes (1999).

forma, o grupo de Pedro Góis Monteiro e Eurico Dutra conseguiu se transformar em corrente hegemônica dentro do Exército e as principais lideranças militares do período, seus aliados como membros da alta cúpula militar tentaram impor suas ideologias para o restante da corporação e reprimir os projetos políticos adversários (PIMENTEL, 2011, p. 22). Na busca da coesão interna, as altas lideranças militares reforçaram os símbolos, os cultos, as festividades, a história e os heróis do Exército⁵.

Entre tais ritos, Celso Castro (2000, p.25) recuperou a criação do Dia do Soldado (1926), que correspondia ao aniversário de Luis Alves Lima e Silva, o Duque de Caxias, no sentido de “que a cultura moral do soldado brasileiro devia ser trabalhadora não apenas individualmente pelo próprio soldado no dia-a-dia, mas também em consagrações coletivas”. Além desses ritos criados na década de 1920, a produção da linha editorial da Biblioteca Militar procurou recriar a identidade do soldado na sociedade, baseado no afastamento da política e na defesa das necessidades da corporação castrense acima dos valores partidários e individuais.

Segundo Frank McCann (2009, p. 385), nos anos seguintes a Revolução de 1930, ocorreu uma luta pelo controle da instituição acabaria por fundir o Exército revolucionário com o velho Exército. “Esse conflito interno, apresentou aspectos filosóficos, tradicionais, práticos, econômicos, políticos e geopolíticos que se refletiram nos vários debates, reformas, influências estrangeiras, revoltas e amizades e inimizades pessoais”. Para o autor, vários processos afetaram o processo de reestruturação do Exército: freqüentes conspirações e rebeliões secundárias em unidades durante 1931 e 1932, a guerra civil de 1932 em São Paulo, agitações em vários níveis em 1933 e 1934, um levante de sargentos estimulados pelo exemplo cubano de tomada de poder de Fulgêncio Batista e revolta comunista de 1935. O próprio Getúlio Vargas atuou para uma reorganização do Exército, após a revolução de 1930, ele afastou as antigas lideranças militares e colocou em seu lugar militares apoiadores do seu governo, “nos anos seguintes ele habilmente manobrou até que tanto as forças revolucionárias como federais dependessem dele e houvesse, novamente, um único Exército nacional” (McCann, op. cit., p. 386).

Para Edmundo Campos Coelho (1976, p.186-187), nesse período o Exército criou departamentos específicos para criar líderes que fossem doutrinados, isolou lideranças de seus seguidores, para minimizar as pressões das bases e buscou afastar as influências externas

⁵ Para Celso Castro (Op. cit., p. 104): “Mais do que organização de uma instituição fragmentada após décadas de clivagens organizacionais e ideológicas, o que ocorreu foi à invenção do Exército como uma instituição nacional, herdeira de uma tradição específica e com papel a desempenhar na sociedade brasileira”.

consideradas danosas. Os oficiais preocupados com a profissionalização do Exército eram contra as promoções dos militares atreladas à política, por ser um obstáculo à melhoria dos quadros profissionais. Ao receber o comando da instituição militar, Pedro Goés Monteiro comandou uma série de reformas visando à profissionalização dos quadros. A partir do Estado Novo, a corrente de Pedro Góis Monteiro conseguiu tornar-se hegemônica dentro da instituição militar, e seus aliados como membros da alta cúpula militar tentaram impor suas ideologias para o restante da corporação e reprimir as tendências contrárias. Para implantação dessa coesão interna, esse grupo reforçou os símbolos, os cultos, as festividades, os heróis do Exército, visando construir uma identidade para a classe militar (COELHO, 1976, p.97)

Essa difusão ideológica recriou a função do soldado nessa sociedade – que seria o afastamento da política e a defesa dos interesses da corporação acima dos princípios individuais e partidários. Na citação da página anterior de Valentim Benício da Silva, vislumbramos essa ideologia, através do reforço do escritor ao relatar que Osório, mesmo sendo republicano, defendeu os interesses da corporação e do Império, segundo ele para benefício da unidade territorial brasileira. O discurso contrário ao partidarismo dentro do Exército estava presente anteriormente ao golpe do Estado Novo, como demonstrou o relatório do ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra de 1936. Nesse documento, Dutra afirmou que os oficiais e soldados quando desviavam de suas ocupações militares por competições partidárias e políticas estavam fugindo dos deveres de sua congregação. Em contrapartida, na mesma parte desse relatório, esse militar assegurou que somente os ministros da guerra e as altas patentes do Exército deveriam cuidar dos problemas oriundos das políticas nacionais, mas sem envolvimento partidário (DUTRA, 1937, p.08).

Na afirmação de Eurico Gaspar Dutra ficou nítida a defesa que somente a superior hierarquia do Exército poderia estabelecer as políticas e prioridades da corporação, e os demais membros deveriam apenas seguir essas medidas. Esse pensamento estava em sincronia com a representação de Manoel Luís Osorio nesses livros biográficos, que ressaltavam esse personagem como o soldado que sempre se submetia as ordens dos seus superiores, para benefício da nação:

Essa reunião tornou-se memorável porque foi nela que o grande soldado, concitado por civis de significação intelectual, moral e política a hipotecar suas **influências militares da Província para resistirem pelas armas**, si preciso fosse, repeliu a impatriótica incitação revolucionária com a declaração de bronze: **a minha espada, que desembainhei nos campos da guerra para defender a Pátria e a ordem, nunca desembainharei no meio da paz para derramar o sangue de meus compatriotas**. Edificante! (LIMA, Op. Cit., p. 36, grifo do autor)

O trecho dessa obra fez referência aos políticos sul-rio-grandense, que segundo o autor incitaram Osorio para utilizar sua influência militar para ocasionar uma revolta na província. As partes grifadas na citação são de Onofre Muniz Gomes que enfatizou o uso do prestígio militar para resistência armada, e a negação dessa proposta por Manoel Luís Osorio, na reprodução da frase desse personagem histórico, que ressaltou o ideal do soldado comprometido com os interesses da pátria e da ordem, e não interessado em utilizar sua carreira militar para acarretar conflitos internos. No final da frase, Onofre Gomes Muniz utilizou o adjetivo edificante para afirmar que essa atitude de Manoel Luís Osorio servia como exemplo para o Exército.

Os livros sobre Osorio e outras publicações da editora do Exército utilizavam a história como fonte de exemplo para vida, como um espelho na qual era possível aprender através da experiência humana (KOSELLECK, Reinhard. 2006, p. 4). Segundo François Dosse (2009, p. 406), essa concepção de história como mestra da vida representava uma inspiração para leitor pelo caráter exemplar do personagem erigido como herói ou santo.

Nas biografias de Valentim Benício da Silva e Onofre Gomes Muniz, a representação de Osorio como legalista (leal ao império e ao Exército) foi recorrente em diversos trechos das obras. Esses autores difundiram ideologicamente um modelo de bom soldado, associado ao profissionalismo, ao patriotismo e à não utilização das armas para ações partidárias e individuais. Os biógrafos militares resignificaram a imagem de Manoel Luís Osorio, conforme os valores difundidos pelo Exército no Estado Novo que estavam presentes não apenas na historiografia da editora militar, mas também nos discursos e nos diversos documentos ministeriais da alta cúpula dessa instituição castrense.

A linha editorial da Biblioteca Militar surgiu em um contexto de anticomunismo nas forças armadas, o primeiro volume dessa editora (em 1938) foi o “Em Guarda Contra Comunismo”, que continha diversos artigos contrários a essa ideologia. Após os levantes comunistas de 1935, o Exército intensificou a desqualificação desse movimento. Os militares comunistas que participaram dessas ações foram perseguidos, considerados traidores pelo governo e pelas forças armadas. A historiografia da Biblioteca Militar difundiu esse pensamento anticomunista, juntamente com um ideal do bom soldado associado à legalidade e ao afastamento da política. Nesse contexto, Osorio foi representado como soldado que, mesmo sofrendo perseguições, influenciado por terceiros a utilizar seu prestígio militar para fins políticos, nunca traiu o Exército. O comportamento estimado desse indivíduo era justamente sua lealdade, sua negação em utilizar o meio militar como instrumento político.

Ao valorizar esses aspectos da vida de Manoel Luís Osorio, os militares estavam difundindo, através da história, exemplos morais para as tropas do Estado Novo, demonstrando que a traição era algo inaceitável, assim como a subversão às ordens dos superiores por motivos políticos e partidários. Além da representação como bom soldado, Osorio foi associado aos atos heróicos do Exército na Guerra do Paraguai.

1.3.2- Guerra do Paraguai

Nos livros de Valentim Benício e Onofre Gomes Muniz, a Guerra do Paraguai não foi um evento valorizado, possuindo pouco espaço nessas duas narrativas biográficas. Em contrapartida, Lobo Viana escreveu sobre a batalha do Tuiuti, não enfatizando somente a participação de Osorio, mas de outros militares como Antonio Tibúrcio Ferreira, Antonio Sampaio, Emílio Mallet, etc. Principalmente o terceiro escritor (Lobo Viana) apresentou uma visão tradicional da Guerra do Paraguai, mostrando o Exército como defensor do país e Solano Lopez como um tirano insano. Essa concepção tradicional da Guerra do Paraguai surgiu no Brasil, primeiramente através da publicação dos relatos dos combatentes desse conflito, posteriormente através de uma história militar tradicional⁶.

Para François Hartog (1997, p.10 apud SCHIMIDT, 2003, p.60) toda a historiografia faz parte de um regime de historicidade, um plano de pensamento de longa duração, uma ordem do tempo que permite ou proíbe pensar certas coisas. Dessa forma, as biografias de Manoel Luís Osorio fizeram parte dessa tradição historiográfica que valorizou a ação do

⁶ Segundo Antonioli (2011, p. 85) existe uma necessidade de ir além da caracterização desse tipo de historiografia como tradicional. No século XIX, a disciplina histórica estava voltada para escrever a história da nação, do progresso das civilizações e das instituições. “O biografado aparece como encarnação do povo, da Nação. O indivíduo que representa algo maior que ele”. No Brasil na década de 1930, a historiografia brasileira sofreu transformações conceituais através das obras de Sérgio Buarque de Holanda, que foi influenciado pela sociologia de Max Weber, de Gilberto Freyre que nos Estados Unidos entrou em contato com as renovações teóricas na área antropológica que culminaram com uma abordagem histórica, social e cultural da formação do Brasil, no livro *Casa Grande e Senzala* (1933). Essas obras não foram influentes dentro do Exército, os historiadores militares continuaram realizando narrativas históricas dos grandes heróis e eventos do passado. Dentro de uma sociedade, diferentes regimes de historicidades coexistem, não sendo improváveis em um mesmo período histórico, duas tendências diferentes, como análises sociológicas e antropológicas conviverem com abordagens consideradas antigas ou ultrapassadas da história, como narrativas de eventos e de indivíduos. Essas questões estão atreladas ao lugar de produção da historiografia e as regras de controle dos discursos históricos (CERTEAU, 1982, p.57). Para autores preocupados com descrição de estruturas, narrativas biográficas de heróis eram insuficientes para compreender o passado ou a formação do Brasil. Aos escritores militares, vinculados ao Exército e a linha editorial da Biblioteca Militar, através da vida dos grandes dos militares era possível demonstrar a importância do Exército na constituição da sociedade brasileira.

Exército como patriótica na Guerra do Paraguai. Estou incluindo nessa perspectiva as três obras, porque todas apresentam uma visão positiva da participação brasileira através da glorificação dos heróis e das batalhas desse conflito:

Parece que aos nossos ouvidos ainda ressoam, repercutem o dobrado das bandas marciais, o clangorar dos clarins e cornetas, o rufar nervoso dos tambores, alta madrugada, em festiva e álares alvorada, comemorando mais uma data da **Batalha do Tuiuti**. [...] Nós velhos soldados aqui estamos reunidos, mais uma vez, para rememorarmos a data histórica. [...] Aqui estamos como solitários monges da solitária Tebaida para avivarmos nossa Fé, excitarmos, ativarmos o fogo do nosso patriotismo homenageando a memória dos Heróis, que se foram na eternidade dos tempos (VIANA, 1940, p. 07-08, grifo do autor)

Na citação acima, o escritor ressaltou a importância das comemorações desse conflito, afirmando que essas revigoram o patriotismo e o não esquecimento dos heróis. Essa biografia, assim como a historiografia tradicional, representou a participação das forças armadas brasileira como heróica e patriótica na Guerra do Paraguai.

Além disso, Lobo Viana (1940, p.29) descreveu Solano Lopez de forma negativa. Segundo esse escritor o líder paraguaio exercia uma extraordinária fascinação como ente sobrenatural sobre seu povo. Em outras passagens, Solano Lopez foi descrito como despreparado militarmente, ocasionando erros na colocação das tropas paraguaias, culpando terceiros por seus desacertos, ameaçando de fuzilamento seus auxiliares.

Como esse autor, Valentim Benício da Silva não tinha uma visão positiva dessa liderança dos paraguaios, denominando Lopez como ditador. Silva também ressaltou sobre o patriotismo e fanatismo exagerado dos paraguaios. A posição dessas biografias sobre esse líder paraguaio aproximava-se dos relatos dos soldados que participaram desse conflito. Lobo Viana (1940) citou como referência Dionísio Cerqueira (1847-1910) que escreveu o livro intitulado “Reminiscências da guerra do Paraguai”, cuja primeira edição da obra corresponde ao ano da morte desse autor, 1910.

Segundo Ivan Silva e José Luís de Paula, Dionísio Cerqueira denominou Solano Lopez como ditador que colocou em perigo sua própria nação e o Brasil. Esses autores afirmaram que essa corrente historiográfica tradicional militar tinha como objetivo demonstrar as forças armadas como a grande protetora brasileira, buscando através da história elementos que colaborassem com essa ideologia (SILVA, 2011, p. 116-118, passim).

Entre os anos de 1938 e 1941, a linha editorial da Biblioteca Militar publicou 16 biografias de heróis das Forças Armadas, grande parte dos biografados eram heróis da Guerra do Paraguai: Luis Alves Lima e Silva, Manoel Luís Osorio e Antonio João Ribeiro. A escolha desses heróis não era aleatória, possuía a finalidade demonstrar a importância das Forças

Armadas para constituição do Brasil seja na manutenção da ordem interna seja na defesa contra ataques estrangeiros. Para José Barnabé de Mesquita, advogado e membro da Academia de Letras do Mato Grosso, o Exército era:

Vós sois, assim, os grandes agentes da Brasilidade. E o sois hoje, como o fostes ontem e em todos os tempos. Aí está a nossa História que, desfolhada, lauda a lauda, nos diz isso, que acabo de enunciar. Fato de Brasilidade foi o Exército- com nome de Caxias- debelando as lutas intestinas, menos com espada letífera, do que, com diplomacia conciliadora. Fator de Brasilidade, nas lutas externas, culminando na formidável campanha Lopes-guia- e, chamou-se então Osório- campanha que reivindicou para nossa Pátria, a hegemonia continental (MESQUITA, op. cit., p. 07)

Na citação, duas figuras foram evocadas como agentes históricos e, por conseguinte, como símbolos de brasilidade, o primeiro o Duque de Caxias, que atuou na defesa do Império do Brasil contra os revoltosos do período regencial (1831-1840), tornando-se uma liderança importante na “pacificação” dos movimentos como Revolta Farroupilha (1835-1845), Cabanagem (1835-1840), Sabinada (1837-1838), etc, e segundo Manoel Luís Osorio foi rememorado pela sua participação na Guerra do Paraguai, que segundo o autor contribuiu para “hegemonia continental do Brasil”.—Caxias foi representado como aquele que não permitiu a fragmentação do Brasil, como ocorreu no processo de Independência dos países da América Hispânica; Osorio idealizado por conduzir o Exército em campanhas vitoriosas contra países inimigos. Dessa forma Caxias e Osorio foram utilizados para demonstrar a função do Exército na sociedade, ao longo da história e no próprio Estado Novo. A defesa dos interesses nacionais contra regionalismos e ataques externos.

Celso Castro (2002) demonstrou que a utilização das figuras do Duque de Caxias foi modificada durante os governos de Getúlio Vargas. No ano de 1930, nas comemorações do dia Soldado, o Estado passou a enfatizar a fusão das Forças Armadas com a Nação, mostrando Caxias como um lutador pela integridade do Brasil e pela unidade da Pátria. Em 1937, por sua vez, com maior fechamento do governo, a imagem de Caxias passou a ser evocada pela sua autoridade e suas qualidades a serviço de um governo forte. De modo que, a figura do Duque de Caxias somada à figura de Osorio, no Estado Novo representava o ideal de soldado da época, comprometido com os interesses do Estado e da corporação castrense. As comemorações festivas visavam demonstrar aos militares a importância do Exército para a constituição territorial do Brasil, mas também que seus panteões de heróis eram modelos de condutas (CASTRO, op. cit., p.18).

Da mesma forma, José de Barnabé de Mesquita justificou a intervenção do Exército na política através do golpe republicano de 1889. No seu livro intitulado Exército, Fator de

Brasilidade (1940), Floriano Peixoto e Benjamin Constant foram representados como militares comprometidos com os interesses nacionais. Para o autor, os dois personagens históricos fizeram triunfar os ideais democráticos e de integridade da Nação, quando proclamaram a República em 1889. As ações dos militares republicanos seriam um exemplo da atuação do Exército na defesa dos princípios nacionais, não de interesses regionais ou partidários. Nas palavras de Mesquita, “a função do Exército sempre foi legalista e nacional” (MESQUITA, op. cit., 09).

Outro aspecto interessante na obra de Barnabé foi a utilização do termo Brasilidade, que nesse período representava a busca dos intelectuais pelas raízes do Brasil na história e na cultura popular. Procurando forjar uma identidade nacional, elementos considerados comuns para todos os brasileiros, os heróis, os símbolos e a música (samba) foram utilizados para a constituição de um sentimento de nacionalidade. O Estado utilizou os aspectos culturais e históricos para doutrinação das massas, através de programas de rádios e desfiles cívicos. Nesse sentido, as Forças Armadas tinham um projeto de constituição da brasilidade, através da contribuição dos grandes militares para história do Brasil. Além disso, as lembranças de Duque de Caxias, Manoel Luis Osorio, Floriano Peixoto e Benjamin Constant foram fundamentais para exemplificar a função modelar do soldado na sociedade.

A utilização desses elementos simbólicos e a glorificação de um passado comum através dos heróis foram fundamentais para criar dentro do Exército, uma coesão interna. Segundo Edmundo Campos Coelho (1979, op.cit., p. 112), no Estado Novo, pela primeira vez na história, a instituição castrense possuía uma ideologia definidora do seu papel na sociedade. Nesse contexto, uma série de símbolos foi mobilizada na criação de uma identidade militar. A exaltação dos eventos históricos dentro das Forças Armadas tinha como finalidade a criação de uma identidade do soldado na sociedade, na qual os interesses da corporação estivessem acima dos princípios considerados partidários, individuais e ideológicos. A busca do passado pela instituição castrense, através da historiografia militar, representou a construção identitária do soldado que era afastado da política partidária e defensor do Estado “nacional” de Getúlio Vargas.

No Estado Novo, a alta cúpula militar tinha interesse em continuar difundindo essa historiografia tradicional que propagava essa visão do Exército como salvador do Brasil, que entrava em ação em períodos de desordem e caos das instituições civis. Os livros de história da Biblioteca Militar não são os únicos que apresentam essa ideologia. No relatório ministerial do ano de 1936, publicado em 1937, o ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra colocou que essa instituição castrense tem a função de ser a guardiã da unidade federativa, da

ordem, do progresso e da soberania nacional. Em outra parte desse documento ministerial, ele afirmou a necessidade do Exército ser equipado para momentos que a razão deve ser imposta pelas armas (DUTRA, 1937, passim 03-08).

Claramente Dutra defendeu a intervenção das forças armadas na política e no relatório do ano seguinte, 1938, ele reafirmou essa idéia ao mencionar que o governo conta sempre com apoio do Exército quando elementos nocivos ameaçam subverter a ordem, ameaçando a integridade da pátria (DUTRA, loc.cit.). Obviamente, esse militar não estava fazendo referência a qualquer soldado, mas o alto oficial e os ministros da guerra, para ele os outros soldados, deveriam manter-se longe da política partidária. Foi através da história que os escritores da editora militar buscaram argumentos para comprovar essa ideologia, das forças armadas como defensoras da soberania e da unidade, os acontecimentos do passado serviram para legitimar a política coerciva do Exército no Estado Novo.

A Guerra do Paraguai como um dos principais eventos da instituição castrense permaneceu representada nessa historiografia como um exemplo da ação patriótica dos soldados em função de uma suposta ameaça expansionista paraguaia. As lideranças militares desse conflito foram elevadas ao patamar de heróis do Exército, símbolos desse ideal castrense de defesa pela unidade e pela integridade brasileira. Manoel Luís Osorio foi um desses indivíduos que ficou lembrado como defensor da pátria, seus biógrafos do Estado Novo contribuíram para construção dessa imagem, enfatizando algumas características diferentes, mas sempre moralmente positivas.

Em outras passagens, Onofre Muniz afirmou que as táticas militares de Osorio evitaram o fracasso dos aliados nesse conflito. Essa perspectiva de demonstrar as tropas brasileiras como as principais responsáveis pelas vitórias na Guerra do Paraguai, também foi realizada por Lobo Viana, que citou a superioridade do efetivo militar do nosso país e o sucesso das manobras adotadas pelas lideranças militares do Brasil. Segundo Francisco Doratioto (2002, p.18), essa historiografia tradicional brasileira sobre a guerra do Paraguai reduziu a importância do aliado argentino e minimizou as críticas em relação às atuações dos chefes brasileiros nesse conflito. A história tradicional sobre essa guerra procurou mostrar Francisco Solano Lopes como ditador, autor de erros militares que custaram à vida de milhares de seus soldados paraguaios.

Diferente dos outros escritores, Valentim Benício da Silva (1939, p.19) buscou representar Osorio como piedoso com paraguaios, segundo o autor “ao entrar nessa tremenda guerra que durou cinco anos, que custou milhares de vidas e rios de sangue aos soldados do Brasil, não era ódio que fazia arfar o peito daquele bravo [...], era respeito aos inimigos”

(SILVA, op. cit. p. 19). A frase demonstra o idealismo patriótico do Exército, que seria o sacrifício dos militares brasileiros em prol da pátria. Manoel Luís Osorio nesse texto possuía as mais elevadas características morais da Instituição castrense como piedade, patriotismo e honra, nas páginas seguintes esse personagem histórico apareceu associado à abnegação pelo Brasil.

Valentim Benício da Silva discorreu sobre a famosa passagem de Osorio na guerra, quando ele foi ferido em combate, afastou-se temporariamente para cuidados médicos e retornou mesmo machucado para campanha contra o Paraguai, segundo Valentim da Silva, a pátria não lhe deixa completar o tratamento (SILVA, Op. Cit. p.19). Nessa historiografia tradicional da Guerra do Paraguai produzida pelos militares, Osorio representou o soldado que lutou pela pátria, realizando sacrifícios para defender a soberania de sua nação. A imagem construída por seus biógrafos colaborou com a perspectiva do Exército como o defensor da nação, que somente entrou em guerras por objetivos defensivos.

1.4-Considerações Finais

A construção da memória de Manoel Luís Osorio como principal herói da Guerra do Paraguai iniciou logo depois desse conflito, essa contribuiu para uma projeção maior na República devido a interesses dos militares em utilizar a popularidade desse indivíduo para se aproximar da população. Mesmo com o declínio do culto de Osorio no Estado Novo, esse sujeito continuou sendo um dos principais heróis do Exército. No Estado Novo, através da linha editorial da Biblioteca Militar, diversas biografias foram lançadas sobre os heróis das Forças Armadas. Grande parte da produção da editora militar era composta por narrativas biográficas, de indivíduos considerados modelos de condutas para soldado do Estado Novo.

Osorio foi representado nas narrativas biográficas de Onofre Muniz, Valentim Benício da Silva e José Feliciano Lobo Vianna como um soldado legalista, fiel ao Exército e ao Império. Essa representação do Bom Soldado estava associada ao período anterior ao Estado Novo. Em tal contexto, surgiu a necessidade de reforçar que a função do soldado na sociedade não era partidária e nem política. O medo de possível influência comunista dentro do Exército levou a editora da Biblioteca Militar publicar um livro anticomunista, o “Em Guarda Contra o Comunismo” (1938). Mas ao mesmo tempo, a instituição reforçou os ideais de legalidade, de cumprimento dos deveres militares e sacrifício pela profissão, através das narrativas biográficas dos grandes militares. Dessa forma Manoel Luís Osorio serviu como exemplo de

soldado que sofreu com as dificuldades da carreira militar, mas nunca traiu o Exército. A traição e insubordinação eram inaceitáveis no ponto de vista dessa historiografia militar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONIOLLI, J. F. “**Através do passado**”: crônica, biografia e memória na série pedagógica de Achylles Porto Alegre (1916-1920). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011. Dissertação (Mestrado em História).

BOURDIEU, P. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, M., AMADO, J. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FVG, 2006.

CATROGA, F. Memória e história. In: PESAVENTO, S. (org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2001.

CASTRO, C. **A invenção do Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CASTRO, A. **História e historiadores**. Rio de Janeiro: FVG, 1996

CARVALHO, J. M. de C. **A formação das almas**. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

_____. Vargas e os militares: aprendiz de feiticeiro. In: D’ARAÚJO, M. C. (org.). **As instituições na era Vargas**. Rio de Janeiro: FVG, 1999.

CERQUEIRA, E. M. Cultuando a saudade: o conceito de história em Gustavo Barroso. In: **Anais do XIV Encontro Regional da ANPUH- RJ**. Rio de Janeiro, julho de 2010.

COELHO, E. C. **Em busca da identidade**: o Exército e a política na sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Forense, 1976.

DORATIOTO, Francisco. **General Osorio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **Maldita Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**. São Paulo: Editora da USP, 2009.

GUIMARÃES, M. L. S. Um historiador à margem: Fustel de Coulanges e a escrita da história francesa no século XIX. In: HARTOG, F. O século XIX e a história. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

LORIGA, S. A Biografia como problema. In: REVEL, J. (org.) **Jogos de Escalas, a Experiência da Microanálise**. Rio de Janeiro: FVG, 1998.

KOSELLECK, R. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Editora PUCRJ, 2006.

MCCANN, F. **Os soldados da Pátria**: história do Exército brasileiro. Rio de Janeiro: Companhia das letras/ Biblioteca do Exército, 2002.

NETO, M. D. Influência estrangeira e luta interna no Exército (1889-1930). In: ROUQUIÉ, A. Partidos Militares no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 1980.

OLIVEIRA, R. P. A monumentalização de Manoel Luís Osório: a construção de uma memória militar nos últimos dias do governo do marechal Floriano Peixoto (1887-1894). **Revista Militares e Política**, Rio de Janeiro, RJ, nº 7, p. 23-50, jul.- dez., 2010.

OLIVEIRA, P. R. de. **A representação de Manoel Luís Osório na historiografia militar do Estado Novo**. Monografia (Curso de História)- UFSM, Santa Maria, 2012.

SCHIMIDT, B. B. Biografia e regimes de historicidades. **Revista Méti: História & Cultura**, Caxias do Sul, RS, v.2, n.3, p. 57-72, jan./jun.2003S

SILVA, I. B. D., PAULA, J. L. O. Historiografia patriótica a versão tradicional da Guerra do Paraguai e seus desdobramentos a serviço de um patriotismo militar brasílico. **CES Revista**, Juiz de Fora, MG, v. 25, 2011.

SOUZA, A. B. Trajetórias militares, política imperial e escrita da história. **Revista Méti: História & Cultura**, Caxias do Sul, RS, v.2, n.3, p. 73-94, jan./jun.2003.

VELLOSO, M. P. **Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo**. Rio de Janeiro: FGV, 1987.

FONTES CONSULTADAS

CENTRO DE PESQUISAS E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA. **Dicionário Histórico- Biográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, 2001. Disponível: < <http://cpdoc.fgv.br/acervo/arquivospessoais/consulta>>. Acesso em: 01 out. de 2014.

DUTRA, E. G. Relatório do Ministro do Estado de Guerra de 1936, publicado em maio de 1937, p.08. Disponível em: < <http://www.crl.edu/brazil>>. Acesso: 19 de outubro de 2013.

_____. Relatório do Ministro do Estado de Guerra. Rio de Janeiro: imprensa do Estado maior do Brasil, maio de 1937. Disponível em:< <http://www.crl.edu/brazil>>. Acesso: 19 de outubro de 2013.

MESQUITA, J. B. **O Exército, fator de brasilidade**. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1941.

LIMA, O. G. M. de. **Osório**. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1938.

SILVA, V. B. **Osório na infância, na adolescência, na família e na imortalidade**. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1938.

VIANA, L. **Tuiuti é Osorio, Osorio é Tuiuti**. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1940.

OSORIO, J. L., OSORIO, F. L. **Historia do General Osório**. Rio de Janeiro: Talagarça, 2008.